

O fenômeno da numerificação

Samuel Henrique Carioca de Oliveira

Graduando em Ciência Política pela Universidade de Brasília

Como citar este relatório: Oliveira, Samuel Henrique Carioca de (2025). "O fenômeno da numerificação", Relatório de Pesquisa 20 do Repositório de Iniciativas da Sociedade Civil contra a Pandemia do Grupo de Pesquisa Resocie, Universidade de Brasília, Brasília, 12 de novembro, disponível em: <http://repositoriomobilizacovid.resocie.org/relatorios-de-pesquisa-do-repositorio/>

Introdução

Durante a pandemia de Covid-19, a sociedade brasileira testemunhou a tragédia humana ser convertida em estatística diária. As centenas de milhares de vidas perdidas foram, muitas vezes, reduzidas a números frios em gráficos e noticiários, um processo que banalizou o luto e ocultou as histórias individuais por trás das fatalidades. Este ensaio propõe analisar esse fenômeno, que aqui chamo de "numerificação", através de uma lente teórica clássica: o conceito de "fetichismo da mercadoria" de Karl Marx (2005). Argumentarei que a mesma lógica de "coisificação" e "alienação", descrita por Marx para as relações de produção, pode ser transposta para a crise sanitária. O objetivo é demonstrar como a "numerificação" foi central para sustentar narrativas que banalizaram a vida, especialmente ao redor da falsa dicotomia entre saúde e economia. Para isso, esta análise interpretativa irá triangular a teoria marxista com as contribuições de Hannah Arendt sobre a mentira política e de Chimamanda Adichie e Ailton Krenak sobre o poder das narrativas e a crítica ao desenvolvimento.

O Fetichismo, a Coisificação e a Alienação em Marx

O pilar central desta análise é o conceito de fetichismo da mercadoria, desenvolvido por Karl Marx em "O Capital" (2005). Para Marx, em uma sociedade capitalista, as mercadorias adquirem uma aparência mística: seu valor parece emanar delas próprias, e não do trabalho humano que as produziu. Esse fetichismo obscurece o caráter social do trabalho e faz com que as relações entre os produtores (pessoas) assumam a forma de "uma relação entre coisas". O processo tem duas faces: (i) a mercadoria ganha agência e valor próprios; e (ii) o trabalhador, que despendeu sua força vital (músculos, nervos, pensamentos) na produção, é reduzido a um apêndice da mercadoria, uma "coisa" subordinada a ela. Intrinsecamente ligado a isso está o conceito de alienação. A alienação é o estado em que o indivíduo se torna estranho ao produto do seu trabalho, ao seu próprio processo de trabalho e, em última instância, à sua própria essência humana. Este artigo transpõe essa lógica:



argumenta-se que a “numerificação” é uma forma contemporânea de “coisificação”, onde as vítimas da pandemia são alienadas de suas histórias de vida, sendo reduzidas a “coisas” estatísticas (números frios).

Verdade, Política e a “Realidade Substituta” em Arendt

Para analisar as ações do poder político que facilitaram essa alienação social, recorremos a Hannah Arendt. Em *Verdade e Política* (1995), Arendt explora a tensão entre a verdade factual e a esfera da política, que depende da persuasão e da construção de narrativas. Arendt adverte sobre o perigo da "mentira política organizada". Quando fatos inconvenientes (como a gravidade de uma pandemia ou a ineficácia de certas políticas) são negados pelo poder político, este é forçado a “fabricar uma realidade substituta”. Essa realidade paralela, construída através da desinformação e da repetição incessante, visa substituir a verdade factual. Este conceito é fundamental para compreender a negligência e o negacionismo como métodos de governo que, ao alienar a população dos fatos, criam o terreno fértil para a banalização da morte.

A “História Única” e a Crítica à Narrativa do Progresso

O terceiro eixo aborda o poder das narrativas que sustentam e que combatem a "numerificação". O conceito de "História Única" (ADICHIE, 2009) é usado para diagnosticar o problema. Adichie argumenta que reduzir uma pessoa, um povo ou um evento complexo a uma única narrativa (neste caso, a narrativa estatística) é uma forma de expropriação da dignidade. A "numerificação" é, portanto, a imposição de uma "história única" que apaga a humanidade das vítimas. Em contrapartida, a crítica de Ailton Krenak (1999) ao modelo de "desenvolvimento" é usada para desconstruir a principal justificativa para a "numerificação": a falsa dicotomia entre saúde e economia. Krenak questiona um "progresso" que destrói a vida (seja ela humana ou ambiental) em nome do crescimento econômico. A análise dos eventos da pandemia



no Brasil, à luz do referencial teórico adotado, revela um processo deliberado de desumanização que se desdobra em três fases interligadas: (i) a alienação política, (ii) a "numerificação" social e a (iii) justificação econômica dessa banalização.

Alienação Política: A Negação como "Realidade Substituta"

O primeiro pilar da "numerificação" não é social, mas político. Conforme descrito por Marx (2005), a alienação se funda na "ocultação e desinformação". No contexto pandêmico brasileiro, isso foi operado ativamente pela elite política, notadamente o Executivo Federal, como apontado pelas investigações da CPI da COVID-19 (BBC NEWS, 2021). A negligência, a omissão e a propagação de desinformação e de tratamentos anticientíficos não foram meras falhas de gestão, mas um método de governo. Recorrendo a Hannah Arendt (1995), essa estratégia configura a fabricação de uma "realidade substituta". Diante da verdade factual inconveniente (a gravidade do vírus, a necessidade de isolamento), criou-se uma narrativa paralela mais "lisonjeira" para as necessidades políticas do grupo no poder. Essa narrativa se consolidou como uma "história única", nos termos de Adichie (2009), uma versão que, "devido às incessantes repetições", se impôs como verdade para uma parcela da população. Como demonstravam as pesquisas de intenção de voto à época (IPEC, 2021), a persistência de um núcleo de apoio ao governo (cerca de 20%) evidencia o sucesso dessa alienação. Assim como o esclarecimento do proletariado ameaça a ordem capitalista em Marx, a "desalienação" da sociedade brasileira com relação aos fatos da pandemia representava uma ameaça direta à "desmitificação do mito" e à manutenção do poder.

O Fenômeno da "Numerificação": A Coisificação da Vítima



Essa alienação política deliberada criou as condições para o fenômeno social que denomino "numerificação". Este processo é a transposição direta da "coisificação do indivíduo" de Marx para a crise sanitária. No capitalismo, o indivíduo é oculto pelo caráter social do trabalho, sendo reduzido a uma engrenagem. Na pandemia, o indivíduo, detentor de uma história, sonhos, projetos, família, é oculto pela estatística, tornando-se nada além de um número em meio a milhares de outros. Este fenômeno, embora exacerbado pela Covid-19, não é novo na realidade brasileira, que já havia normalizado outras "numerificações": os altos índices de homicídios, violência policial e encarceramento da população negra. A profusão de informações e a repetição diária dos dados de fatalidade (CNN BRASIL, 2021) aceleraram essa banalização, gerando uma aceitação do novo normal. A evidência mais clara desse processo de numerificação é a dissociação entre a realidade trágica e o comportamento social. A matéria da Folha de São Paulo (2021), que reportou a multiplicação por 12 as denúncias de festas clandestinas quando o país ultrapassava 300 mil mortos, é o sintoma de uma sociedade alienada, que tende a agir como se em situação de normalidade estivéssemos.

A Falsa Dicotomia: Desconstruindo a Justificativa da Banalização

Todo esse processo foi sustentado por uma justificativa central: a falsa dicotomia entre saúde e economia. Este dilema foi a principal ferramenta retórica usada para minimizar a doença e atacar as medidas sanitárias. Ele funciona ao "personificar" a economia (como se ela fosse uma entidade com necessidades próprias) e "coisificar" os indivíduos (como se fossem peças descartáveis em prol do funcionamento das engrenagens econômicas). No entanto, é preciso desconstruir essa falácia em duas frentes principais: a econômica e a filosófica. Economicamente, o dilema é factualmente falso. O economista Francisco Ferreira, em análise para a BBC News Brasil (2021), demonstra que os dados apontam para a conclusão oposta. Nas palavras dele:



As contrações econômicas foram maiores para os países que tiveram maior mortalidade per capita. Ou seja, as taxas de mortalidade e as taxas de contração da economia estão positivamente correlacionadas, e não negativamente: os países que perderam mais economicamente foram os mesmos que perderam mais em termos de mortalidade, na média (FERREIRA, 2021).

Fica evidente, portanto, que a falha em proteger a saúde e a vida levou diretamente a perdas econômicas mais profundas, e não o contrário. Filosoficamente, a própria premissa de que a vida humana pode ser sacrificada em nome do "progresso" deve ser questionada. Essa visão nos leva a interrogar o próprio modelo de desenvolvimento adotado pela elite dirigente do país. A crítica de Ailton Krenak (1999) expõe a perversidade desse sistema:

Se o desenvolvimento não enriqueceu e não propiciou o acesso à qualidade de vida e ao bem-estar para todo mundo, então que progresso é esse? Parece que nós tínhamos muito mais progresso e muito mais desenvolvimento quando a gente podia beber na água de todos os rios daqui que podíamos respirar todos os ares daqui (KRENAK, 1999).

Trata-se, como aponta Krenak, de defender um progresso que preze acima de tudo pela vida e bem-estar humano, diferentemente do modelo vigente que privilegia apenas o crescimento econômico em detrimento das pessoas, preferindo a "numerificação" à humanização. Por fim, a "numerificação" não foi um evento espontâneo, mas sim o resultado de pelo menos dois vetores centrais: (i) uma estratégia deliberada de alienação política e de negação dos fatos por parte do Executivo Federal, que, ao fabricar uma "realidade substituta" (Arendt, 1995), alienou parte da população sobre a gravidade da crise sanitária; e a (ii) a falsa dicotomia, justificando essa negligência através do falso dilema entre saúde e economia, um discurso que, como demonstrado por Ferreira (2021) e Krenak (1999), é tanto factualmente incorreto quanto eticamente questionável. Ao reduzir vidas a números, a sociedade e o poder político ocultaram as histórias, os sonhos e as famílias por trás de cada fatalidade, tratando o humano como "coisa" descartável em prol de uma narrativa política ou de um modelo de desenvolvimento falho. Portanto, em um cenário dominado pela "história única" (Adichie, 2009) das estatísticas frias e do negacionismo político, o resgate da dignidade das vítimas passa necessariamente pelo poder das contra-narrativas. Projetos como o "Relicário" de Debora Diniz, que humanizam os dados ao contar as histórias por trás dos números, não são apenas um



memorial, mas um ato de resistência política e ética. Como nos lembra Chimamanda Adichie, "histórias podem destruir dignidades, mas podem também restaurá-las". Contar a história da pandemia fora dos gráficos numéricos, como se buscou fazer neste ensaio, é um esforço para restaurar a dignidade daqueles que foram vítimas não apenas de um vírus, mas da negligência e da "numerificação".

Em memória de Erivonaldo Nunes de Oliveira e dos mais de 600 mil brasileiros vítimas da negligência e da pandemia.

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. Palestra proferida no TED Talk, 2009.

ARENDT, Hannah. Verdade e política. Lisboa: Relógio d'água, 1995.

BBC NEWS BRASIL. CPI da Covid: veja os principais momentos até agora. BBC News Brasil, São Paulo, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57335880>. Acesso em: 2 nov. 2025.

CNN BRASIL. Abril já é o mês com mais mortes por Covid-19 no país desde o início da pandemia. CNN Brasil, 25 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/abril-ja-e-o-mes-com-mais-mortes-por-covid-19-no-pais-desde-o-inicio-da-pandemia/>. Acesso em: 2 nov. 2025.

FOLHA DE S.PAULO. Governo de SP vê multiplicar por 12 o número de denúncias por furar a quarentena. Folha de S.Paulo, São Paulo, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2021/04/governo-de-sp-ve-multiplicar-por->



12-numero-de-denuncias-por-irregularidade-na-pandemia.shtml. Acesso em: 2 nov. 2025.

G1. Ipec: Lula aparece na liderança nos dois cenários e corrida eleitoral para Presidência permanece estável. G1, Rio de Janeiro, 22 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/22/ipec-lula-aparece-na-lideranca-nos-dois-cenarios-e-corrida-eleitoral-para-presidencia-permanece-estavel.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2025.

KRENAK, Ailton. O eterno retorno do encontro. In: NOVAES, Adauto (org.). A outra margem do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

